

CULTURA E MÚSICA: As Fronteiras entre o Popular e o Erudito

Matheus Ferreira Luzi Neto

Graduando em Jornalismo,
Faculdades Integradas de Três Lagoas – FITL/AEMS

Rafael Furlan Lo Giudice

Esp. em Comunicação e Marketing – UNIRP; Mestre em Linguística – UNIFRAN;
Docente das Faculdades Integradas de Três Lagoas – FITL/AEMS

RESUMO

Pesquisa em jornalismo que busca criar um diálogo amplo em relação a cultura, ao jornalismo cultural, e em especial, aos processos de comunicação e de tradição dos termos popular e erudito. Discutir as definições da cultura e fazer um contexto do jornalismo cultural também é apresentado nesse artigo, onde reforça a cultura popular sobre os aspectos da *folk* comunicação e a cultura como produção artística e cultural.

PALAVRAS-CHAVE: Cultura; jornalismo cultural; música.

1 INTRODUÇÃO

O jornalismo cultural já não é mais o mesmo. Nesse mesmo contexto, a cultura também se modificou e seguiu outros rumos ao transitar entre os termos “popular” e “erudito”, o que é um dos tópicos mais discutidos neste artigo. Apesar disso, a história do jornalismo cultural e da cultura em si estão bem distantes em relação aos seus respectivos surgimentos. A cultura é algo nato do ser humano, e as produções artísticas como a música e a pintura é algo que vem desde quando o ser humano surgiu.

Já a história do jornalismo cultural é um mais recente. Daniel Piza, acredita que esse “lançamento” aconteceu em 1711, mas ao mesmo tempo, diz que é uma tarefa muito difícil estabelecer com exatidão o surgimento dessa modalidade jornalística. O mais importante desse artigo é apresentar um contexto em relação a cultura, ao jornalismo cultural e seus respectivos processos, tanto na comunicação como no senso comum.

2 OBJETIVOS

O objetivo desse artigo é fazer breves comentários sobre as noções de cultura e de jornalismo, porém o foco é trazer uma discussão eficiente sobre as

diferenças entre o popular e o erudito. Como a cultura é essencial nos processos sociais da civilização humana em todos os seus âmbitos, o presente artigo tem como discussão os processos culturais, mas focando na música como modelo de execução das tradições da sociedade brasileira, e de certa maneira, até mesmo da população mundial.

3 MATERIAL E MÉTODOS

Para essa pesquisa utilizou-se de pesquisa bibliográfica e documental, além de artigos das bases de dados de pesquisa, envolvendo conceitos de cultura e jornalismo cultural.

4 CULTURA E SUAS ASSOCIAÇÕES

Se por um lado a cultura modulou o mundo, ela também foi, sem sobra de dúvidas, um dos pilares para a discussão filosófica entre grandes autores e teóricos no universo da comunicação social, como CALDAS, MARTINS, LARAIA, MARQUES DE MELO, PIZA, entre tantos outros.

Para Caldas (1989, p. 13), é uma tarefa quase impossível descrever tudo o que a cultura define ou se auto define por si só. O autor ainda deixa claro que esse meio envolve toda a questão social e também classifica a cultura brasileira como um mural para a expressão de artistas, dos costumes, religiões, comportamentos, etc.

Outro modo de tentar definir a cultura é a observações do que ela mesmo promove na sociedade. Perante a tantas manifestações artísticas, a exemplo do tropicalismo de 1967, a revolução das forças armadas em 1964, a semana da arte acadêmica, etc. é possível detectar lampejos de uma determinada sociedade em uma determinada obra de arte, como quadros, por exemplo.

Assim, a cultura não se prende somente a arte propriamente dita. Mas sim a todo conjunto que a constrói, como a sociedade, os indivíduos que irão ouvir/ler/apreciar aquela arte e até mesmo aqueles que são atingidos por ela indiretamente. A cultura acaba sendo um veículo de transformações para todo o público que é envolvido por ela.

“o conjunto dos traços característicos do modo de vida de uma sociedade, de uma comunidade ou de um grupo, aí compreendidos os aspectos que se

podem considerar como os mais cotidianos, os mais triviais ou os mais "inconfessáveis" (CARMO, 2005, p. 01).

Segundo Martins (2001, p. 416), o tempo também é uma fonte de recepção da arte, assim como a seleção da apreciação se dá através do fator temporada, e o modo como a cultura é vista, depende muito da maneira como o indivíduo que irá recebê-la está em certos momentos de sua vida, o que pode variar o impacto.

A cultura move os aspectos da sociedade, o que se reflete fortemente no comportamento das pessoas. Um bom exemplo disso é o movimento do rock britânico, que cercou o mundo e trouxe novidades na moda, expressa nas roupas, atitudes e até no uso de cigarros, álcool e entorpecentes, nos anos 1960, até os dias atuais.

É assim que a cultura também promove discussões. Ou seja, a cada passo que se dá, sempre tem um confronto entre culturas, em qualquer lugar do planeta. Isso acontece porque a arte e a cultura trazem sempre modos diferentes de enxergar a realidade.

Caldas (1989, p. 20), acredita que a cultura constrói identidades e determina o lugar de cada um na sociedade, na qual coloca cada pessoa em uma certa distância entre outras. "A questão aqui é teórica e passa pela estratificação social, ou seja, pela divisão da sociedade em classes sociais" (Caldas, 1989, p. 20). No entanto, o indivíduo pode adquirir outra cultura, sem deixar a sua de lado. Segundo Roque de Barros Laraia, a cultura é "uma lente através da qual o homem vê o mundo" (1986, p 74).

No folclore, ou até mesmo na poesia repentista, essas mensagens são transmitidas oralmente, o que não quer dizer que os recados e frases não possam ser feitas entrelinhas ou até mesmo por debaixo dos panos.

Segundo MARQUES DE MELO (1998, p. 02), os processos culturais se identificam mediante às mensagens contidas nas obras de cultura e de arte.

Muitas vezes, a cultura é vista como algo erudito, ou seja, apenas para intelectuais. Além disso não ser verdade, a cultura está mais próxima de todos do que especialmente de algum grupo em específico. Definir o que é erudito ou popular é um dos desafios propostos pelos mais variados conjuntos de artistas.

Essa indagação está presente em toda a sociedade, sempre com um pilar de emoções envolvidas. Os processos culturais está presente também na

indagação, até porque é dela que se cria outros meios de cultura.

Esse ponto de partida é uma questão universal. Em todos os cantos do mundo, é assim que funciona. Sempre é necessário ter a ajuda de uma comunidade inteira para que determinado elemento cultural se estabeleça, se desenvolva e se expanda.

O ponto fundamental de referência não é a humanidade, mas o grupo. Daí a reação, ou pelo menos, a estranheza, em relação aos estrangeiros (...) comportamentos etnocêntricos resultam também em apreciações negativas dos padrões culturais de povos diferentes. Práticas de outros sistemas culturais são catalogadas como absurdas, deprimentes e imorais (LARAIA, 1986, p. 75).

Lévi (2000) afirma que a cultura está presente tanto no nosso passado (em outras gerações), quanto no presente e no futuro, como no caso da moda e também da evolução dos meios jornalísticos. É assim, que o indivíduo estabelece uma ponte em relação a isso, na qual fortalece seus costumes, e a identificação flui.

O autor define que o processo cultural “É na própria medida em que pretendemos estabelecer uma discriminação entre as culturas e os costumes, que nos identificamos mais completamente com aqueles que tentamos negar” (Lévi-Strauss, 2000, p. 60).

5 MÚSICA COMO PROCESSO CULTURAL

O conceito de música é bem parecido com o da cultura, até porque a música é um dos processos culturais mais presentes da sociedade humana. A música não deve ser levada somente como arranjos, melodias e vozes, mas também como todo um conjunto de sons.

Existem muitas maneiras de classificar a música e de entendê-la, o que irá depender das influências do tempo e da mensagem. Assim, cada indivíduo é capaz de interpretar a música como se estivesse interpretando a si mesmo.

Brito (2003, p. 26), acredita que a música tenha sido interpretada como “[...] melodia, ritmo, harmonia, [...] elementos que estão muito presentes na produção musical dentre outras possibilidades de organização do material sonoro”.

Apesar de que a música possa ser classificada como qualquer tipo de ruído sonoro, ela é insensatamente um veículo de entrega de mensagens, sentimentos e emoções, o que pode ser traduzido ao depender da formação ideológica, temporal e

social de cada indivíduo.

Para Rosa (1990, p.19), a definição da música é como “uma linguagem expressiva e as canções são veículos de emoções e sentimentos, e podem fazer com que a criança reconheça nelas seu próprio sentir”.

Assim como a cultura voltada para a arte, de uma maneira geral, a música também é um ato de diversão e lazer. Existem muitos que vivem dela, como por exemplo, músicos profissionais ou bailarinos, mas a força do entretenimento sempre está à frente de tudo.

Ainda que entrelinhas, a música serve como um processo de união entre tribos distintas ou tribos particulares. É desse modo que a música trabalha no momento de fazer a ponte da comunicação entre os indivíduos dentro de uma sociedade.

Segundo Romanelli (2009), a música [...] “é uma linguagem comum a todos os seres humanos e assume diversos papéis na sociedade, como função de prazer estético, expressão musical, diversão, socialização e comunicação”.

Já que a música é algo que pertence a todos, e que não deve estar mensurada em apenas minorias de classes sociais, como acreditam os eruditos, a música, além de presente, tem que atuar como mecanismo de ensino, ao ponto de criar métodos sociais e educativos em todos os setores da sociedade civil.

O grande problema dessa questão, é que apesar de que a música é um território geral, ela não atinge como deveria a maioria das pessoas. Isso acontece por questões sociais, geográficos e ideológicas.

Segundo Paz (2000, p. 14), todos os indivíduos são capazes de interagir da melhor maneira com a musicalidade e os sons.

“pois sendo capaz de emitir [...] sons para falar, pode emití-los também para cantar; assim como tem ouvidos para escutar palavras e sons, também os terão para a música. Tudo é uma questão de educação e método” (PAZ, 2000, p. 14).

A música pode contribuir para tornar qualquer ambiente mais tranquilo e feliz, além de diminuir o stress. O conceito de música se aplica entre esses tipos de assuntos, porque as mensagens contidas nas melodias e palavras aumenta o humor e a inspiração de novas ideias, tão importantes na sociedade coletiva.

Borges (2003, p. 115) diz que a música atua benéficamente em todo o

conjunto que envolve os diferentes aspectos de uma personalidade, causando várias emoções como no caso de uma canção feita para o natal, para o dia dos pais, etc, tirando pesos e tensões, e o melhor: inspirando ideias e imagens, ao estimular também as percepções sociais.

Características genéticas, sociais, ideológicas e geográficas pertencem ao conceito que cada indivíduo tem sobre a música. A aptidão para gostos musicais, por exemplo, acontece na infância ou na adolescência, o que vai depender de vários fatores já citados acima.

Fatores externos como influências de amigos e acontecimentos como morte de algum familiar próximo e querido, também interferem no gosto pessoal de cada um. Segundo Paz (2000, p. 63) “Desde os primeiros contatos, a criança é levada a cantar bonito e não a gritar”

De uma maneira ou de outra, a música sempre estará de mãos dadas com o conceito de cultura, que é a questão do pertencimento a algo. Segundo Maicas (1996, p. 19) “A identidade cultural sempre leva implícita em si a ideia de alteridade, e de relação com o outro, a par do sentido de pertencimento ao que consideramos que nos é próprio”.

A identidade é uma das cartas mais fortes quando se trata de música. Essa característica é vista em comportamentos de qualquer um que se assume em tal cultura ou estilo musical. Geralmente, as músicas que deveriam fazer pontes entre as pessoas, acabam fazendo o contrário, porque elas mesmo se confrontam.

Assim que são criadas diferenças entre certos grupos, são criados também distâncias, preconceitos e inverdades. Isso tudo influencia a violência e a falta de tolerância, e até mesmo a auto denominação de intelectualidade.

6 OS PRIMEIROS PASSOS DO JORNALISMO CULTURAL

Esse tipo de jornalismo é um tanto diferenciado dos demais, porque se trata de uma linguagem literária, e não é feito somente para informar, mas sim para criar novas perspectivas e novas ideias sobre os conceitos que cercam a sociedade como um todo. É por esse motivo que a criação de jornalismo cultural foi tão importante no meio da comunicação social, assim como para os publicitários, como para os jornalistas e também para o leitor que quer estar por dentro de tudo que envolve esse universo. Com isso, esse seguimento é capaz de relatar várias vertentes dos

processos culturais que envolvem as mais diversas comunidades humanas, ao criar debates profundos e literários em relação a ideias, temas e implicações. O jornalismo cultural está mais empenhado em “provocar perspectivas no leitor”, como diz Piza (2004, p. 9).

Nesse sentido, para entender melhor o surgimento do jornalismo cultural, antes de mais nada, é preciso entender a diferença entre a cultura popular e a cultura erudita, tão diferentes no âmbito da formação jornalística dos processos culturais que envolve uma sociedade por completo, ou no caso do meio erudito, alguma parte dessa comunidade.

A cultura erudita é aquela adquirida por uma pequena parte de uma comunidade, por meio de análises críticas, exposições, peças teatrais, costumes restritos, e até mesmo no conhecimento acadêmico, como no caso dos acadêmicos de música e literatura. Por outro lado, a cultura popular é recebida mediante ao senso comum ao atingir toda a comunidade.

Ao contrário do sistema da indústria cultural que obedece a lei da concorrência para pesquisa do maior mercado possível, o campo da produção erudita tenta produzir ele mesmo suas normas de produção e os critérios de avaliação de seus produtos, e obedece à lei fundamental da concorrência pelo reconhecimento propriamente cultural concedido pelo grupo de pares que são os mesmo tempo, clientes privilegiados e concorrentes (BOURDIEU, 2004, p. 105).

Não se sabe exatamente quando o jornalismo cultura surgiu, até porque ele estava embutido também no jornalismo de uma maneira geral, principalmente no meio erudito, até chegar aos cadernos dos jornais locais ao abordar agendas de shows e peças e reportagens específicas sobre o assunto.

Apesar disso, Piza (2004), entende que o jornalismo cultura tenha dado seus primeiros passos oficialmente em 1711, quando aconteceu a fundação da revista diária *The Spectator*. O veículo teria sido lançado pelos ensaístas ingleses Richard Steele e Joseph Addison, com o intuito de mostrar ao mundo artigos e textos que até então só estavam presentes em livros acadêmicos, de difíceis acesso.

Piza (2004, p. 11), considera que os jornalistas citados a cima se tornaram famosos por transformar conteúdos eruditos em populares, e levar esse conhecimento até os clubes, assembleias, casas de chá e cafés. Assim, a cultura começou a se tornar foco de conversas nos mais variados ambientes de Londres.

Ainda nessa época, o primeiro grande crítico cultural surgiria; Samuel

Johnson, que emplacou textos jornalísticos de cunho cultural sobre prosa e poesia, ao falar por exemplo, de ensaios sobre Shakespeare e também estudos sobre a língua inglesa, o que o tornou muito conhecido.

Piza (2004, p. 14) afirma que depois de Johnson, Hazlitt foi quem conseguiu manipular os gostos de toda uma geração do final do século XVII, com valores aplicados em cima da qualificação de novos autores e criadores, e também com reavaliações de clássicos.

Algum tempo depois, já no século XIX, o jornalismo cultural começa a ganhar força nos EUA com Edgar Allan Poe, que escrevia para várias revistas e jornais do país, ainda na época da pré-Guerra Civil. No Brasil, o surgimento veio a acontecer no final do século XIX com o até hoje renomado literato Machado de Assis.

Para Piza (2004, p. 18), o jornalismo cultural se fortaleceu de uma maneira assustadora ao se renovar com as transformações industriais e da imprensa. Segundo o autor, até a virada do século XX, o jornalismo ainda se resumia a noticiários, até que passou a usar reportagens aprofundadas como pautas. Neste período, também começou, por meio de Machado de Assis e José Veríssimo, a se produzir críticas mais aprofundadas em jornais e revistas, na qual não se analisava somente os lançamentos culturais, mas também todo o cenário nacional, como no caso da literatura. Dessa forma, o jornalismo cultural passou a tomar maiores proporções nos veículos impressos.

No Brasil, a grande façanha editorial para o jornalismo cultural foi o lançamento da revista O Cruzeiro nos anos 1930. O título ficou conhecido por falar abertamente de vários assuntos, e também de abordar a cultura de um jeito que até então ninguém havia feito. Piza (2004, p. 33), diz que a revista O Cruzeiro “lançou o conceito de reportagem investigativa e deu enormes contribuições à cultura brasileira”, e também cita que isso aconteceu porque a revista deu muito valor a obras de José Lins do Rego, Marques Rebelo, Vinicius de Moraes e Manuel Bandeira, além de Anita Malfatt e Di Cavalcanti. Mas, foi somente nos anos 1980 que a popularização do jornalismo cultural se consolidou entre todas as classes, ao fazer parte dos cadernos diários dos jornais Folha de S. Paulo e o Estado de S. Paulo, com a Ilustrada e o Caderno 2.

Não é possível definir se é bom ou ruim, mas o jornalismo cultural, cada vez

mais se aproxima de estar localizado em livros, ou seja, voltando no formato antigo quando era presente apenas na vida de intelectuais e de classes dominantes. O grande problema talvez seja como o jornalismo cultural será visto e trabalhado no futuro, e como está sendo hoje.

Nesse sentido, este livro propõe sim que o jornalismo cultural deva receber um tratamento diferenciado, mas recusa a noção de que seja fácil e simples. Há grandes questões para ele enfrentar. A maior delas, talvez seja a infinidade de oposições, de polarizações, que o contamina a todo instante. Entretenimento versus erudição, nacional versus internacional, regional versus central, jornalista versus acadêmico, reportagem versus crítica. E na verdade, tais dicotomias estão relacionadas com um velho debate filosófico que opõe o compreender e o julgar, debate que está na origem do jornalismo em geral, não apenas do cultural (Piza, 2004, p. 8).

7 POR DENTRO DO JORNALISMO CULTURAL

Piza (2004, p. 43), explica que o jornalismo cultural moderno vive em um dilema de identidade frequente, principalmente depois da metade do século XX, “E isso já é curioso. Desde o surgimento dos chamados ‘meios de comunicação de massa’ debate-se o papel do jornalismo em face dessa realidade”.

Essa situação se explica ao observar que os processos culturais seguiram também as tendências e costumes da sociedade e de seus componentes. É por isso que em cada época, o jornalismo cultural, assim como todo tipo de jornalismo, se transforma e se recria.

Pode-se dizer, portanto, que acompanharam os momentos-chave de ampliação da tal “indústria Cultural”, numa escala que hoje converteu o setor de entretenimento num dos mais ativos e ainda promissores da economia global. E por um motivo óbvio: o jornalismo é, ele mesmo, personagem importante dessa “era da reprodutibilidade técnica”, como dizia o pensador Walter Benjamin (Piza, 2004, p. 44).

Com a era da reprodutibilidade técnica, o jornalismo como um todo passou a ser, além de informativo, um objeto do capitalismo e da indústria do comércio, e no jornalismo cultural, a indústria da cultura, expressa em reportagens ou noticiários sobre lançamentos de livros, discos, etc.

Benjamin, um dos principais filósofos marxistas da chamada Escola de Frankfurt já dizia em seus escritos que a cultura, assim como o jornalismo cultural está mais próximo de ser um objeto comercial do que uma notícia. Benjamin classifica o jornalismo cultural como se fosse brinquedos infantis feitos para adultos.

“Benjamin esboçaria uma teoria, em ‘a obra de arte na era da reprodutividade técnica’, de que a arte em tempos industriais perdeu sua ‘aura’, tornando-se produto para consumo, para consolo instantâneo, não mais para reflexão” (Piza, 2004, p. 44).

Nesse âmbito, Piza (2004, p. 44), ainda afirma que apesar desse pensamento de Benjamin, existe um grande número de leitores que apreciam reportagens sobre cultura, com o intuito de se informar e criar algum tipo de opinião sólida. O autor ainda cita que a indústria cultural não pode ser confundida com o jornalismo cultural, que vem a cada dia se segmentando cada vez mais.

Em relação à globalização que vem a dominar o mundo e que também remete à essas ideias de Benjamin, a produção cultural, de certa maneira, segue também as variações ideológicas e de ideais de cada observação crítica que os jornalistas fazem sobre as obras de arte, ao seguir as variadas transformações que a cultura brasileira está se submetendo.

Sobre isso, também é necessário observar e fazer o jornalismo cultural sem preconceitos ideológicos, sem parcialidade política. Por outro lado, o dever do jornalista se dá na atividade do senso comum, de relatar o que vem acontecendo com a sociedade, ao partir do princípio da cultura.

Piza (2004, p. 45), reforça que “o jornalismo, que faz parte dessa história de ampliação do acesso a produtos culturais, desprovidos de utilidade prática imediata, precisa saber observar esse mercado sem preconceitos [...]”

O jornalista deve fugir dos preconceitos culturais, ideológicos e partidários no momento de escrever uma determinada reportagem sobre algum aspecto cultural, porém, em outro instante, o jornalista também tem que ter cuidado de saber o que realmente vem a ser cultura ou uma incrível obra de arte.

Em uma pesquisa feita em 1996, pela Secretaria Municipal de cultura de Belo Horizonte, foi constatado que a maioria dos entrevistados acreditavam que o termo cultural se resumia a aparentes peças culturais de intelectuais ou que davam essa impressão, como no caso das músicas de Chico Buarque. A maioria das perguntas se tratavam de filmes populares, e a maioria das respostas foi que esse tipo de filme não é cultura.

Não é preciso muito debate para ver que essa divisão é nociva. É óbvio que um filme de Spielberg é cultura, por lidar com signos e valores, e, só para dar uma ideia, existe já uma vasta literatura psicanalítica com interpretações

sobre ET. O que acontece, como mostrou a pesquisa mineira, é que a maioria das pessoas associa “Cultura” a algo inatingível, exclusivo dos que leem muitos livros e acumularam muitas informações, algo sério, complicado, sem a leveza de um filme-passatempo (Piza, 2004, p. 46).

Voltamos ao termo de erudito. Para falar a verdade é um assunto muito complicado, porque não se trata somente de uma questão técnica, mas também de uma visão particular do que cada indivíduo tem do que é bom ou ruim, de acordo com seus gostos e suas visões sob os meios em que vive. No outro lado da história, tem a questão do populismo. Ambos, o populismo e o erudito estão em choque constante, porque não há definição exata para classificá-los, e muito menos colocá-los sobre alguma técnica específica.

Para Piza (2004, p. 46), essa confusão entre esses termos acaba sendo até mesmo engraçado, porque o autor olha o elitismo como algo que está no topo, e que não deve ser entendido como destino para “eleitos” ou “privilegiados”, assim que os mesmos não são os únicos com capacidade para adquirir determinada obra de arte ou assuntos relacionados a cultura.

Essa discussão ainda se estende na questão do medo de que algumas pessoas, movidas pelo senso comum e pelas artes consideradas populares, se aventurarem por peças culturais denominadas de elite e eruditas. “Até certo ponto, é positivo que elas a vejam como algo ainda a ser alcançado, que exige esforço, estudo, leitura” (Piza, 2004, p. 46).

Talvez uns dos maiores problemas estejam relacionados a visão que os indivíduos têm sobre determinadas obras-de-arte, ao colocá-las demasiadamente como algo feito para elite ou para intelectuais. Com isso, o indivíduo perde a oportunidade de conhecer o que poderia lhe ser útil. Nesses casos, a desistência de algo é muito similar ao bloqueio na qual o sujeito se submete, o que pode afetar até mesmo sua construção ideológica e do intelecto, como dizia o jornalista Sergio Augusto.

Para Piza (2004, p. 47), esse transtorno também é, de certa forma, culpa da imprensa ao dizer que “O problema, no entanto, não é apenas chegar lá. Cada publicação da imprensa tem um público-alvo e deve se concentrar em falar com ele, sem abrir mão de tentar contribuir com sua formação [...]”

Assim, fica evidente que os meios impressos têm maiores poderes de aprofundamento e de criação de pensamentos e ideias, ao contrário da TV, que

geralmente demonstra mais superficialidade e menos argumentação. Além disso, não foram poucos os jornalistas que se perderam ao tentar fazer do jornal um meio para todos.

Piza (2004, p. 47), fortalece a opinião de que alcançar um público mais qualificado, é mais vantajoso, pelo fato de que isso se torna expansivo e multiplicador. “Embora a TV ganhe fácil em instantaneidade e impacto, ela ainda continua a se pautar muito pela imprensa escrita”.

Mas o que isso tem a ver com o jornalismo cultural? É simples... o populismo, por sua vez, acaba se tornando uma péssima saída para aqueles jornais que já estão acostumados com leitores de classes dominantes e mais qualificados academicamente, o que elimina a possibilidade de se focar na cultura popular.

A famosa frase que diz que se algo faz sucesso, é porque é bom, encabula Piza, que argumenta ao dizer “Se uma coisa boa for aquela que tem qualidades intrínsecas, que não dependem do modismo, então muita coisa de sucesso não é boa, porque é esquecida em alguns meses e substituída por outra” (Piza, 2004, p. 48).

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um dos principais resultados novos que foi obtido nessa pesquisa é em relação a discussão do que é erudito e popular. Ao partir do princípio de que a cultura é para todos, chegou-se a resultado de que o erudito e o popular muitas vezes se confundem, mas não devem estar separados. Além disso, também foi obtido que o jornalismo cultural, e a cultura propriamente dita se modificou com o tempo, e já não é mais a mesma de anos atrás. Tudo isso influencia na forma como o leitor recebe determinadas notícias ou até mesmo releituras e críticas culturais.

O problema encontrado nesse artigo foi a questão que o cerca por completo: o fato de que as pessoas sempre irão colocar o erudito no lugar de algo elitizado, e colocar o popular como algo fraco, sem vida e sem tom intelectual.

BIBLIOGRAFIA

BERGOLD, L. B.; ALVIM, N. A. T. Visita musical como uma tecnologia leve de cuidado. Texto e contexto-enfermagem, Florianópolis, v. 18, n.3, jul/set. 2009.

BORDIEU, P. A economia das trocas simbólicas. 1 ed. São Paulo: Perspectiva, 1992.

CALDAS, W. O que todo mundo precisa saber sobre cultura. 3. ed. São Paulo: Global, 1989.

CARMO, S. J. O. A cultura e o Estado Democrático de Direito. 2005.

DA MATTA, R. O que faz o Brasil, Brasil? Rio de Janeiro: Rocco, 1994

LARAIA, R. B. Como opera a cultura. In: Cultura - um conceito antropológico. Rio de Janeiro: Zahar, p. 680115, 1986.

LÉVI-STRAUSS, C. Raça e História. Lisboa: Presença, 2000.

MARQUES DE MELO, J. (Coord.) Identidades Culturais Latino Americanas em Tempo de Comunicação Global. São Bernardo do Campo: IMS, p. 17-20, 1996.

MARTINS, W. W. M.: das ondas dos rádios às crises literárias.

PARÉS, I.; MAICAS, M. Consideraciones sobre la identidad cultural. In: MARQUES DE MELO, José (coord.) Identidades culturais latino americanas em tempo de comunicação global. São Bernardo do Campos: IMS, 1996

PAZ, E. A. Pedagogia musical brasileira no século XX: metodologias e tendências. Brasília: MusMed, 2000.

PIZA, D. Jornalismo Cultural. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2004. 143 p.

ROMANELLI, G. A música que soa na escola: estudo etnográfico nas séries iniciais do ensino fundamental. Educar em Revista, Curitiba, n. 34. 2009.

ROSA, N. S. S. Educação musical para a pré-escola. São Paulo, 1990.